

CONTRIBUIÇÕES PARA AS MEMÓRIAS ACADÊMICAS.

Rui Barbosa e Campinas.

Ataliba Nogueira

Catedrático de Teoria do Estado na Faculdade
de Direito da Universidade de São Paulo.

Distinguido como município da sua preferência para o repouso periódico, Campinas considerou a honraria e o privilégio que lhe dava Rui Barbosa e dos quais participou com Petrópolis e Lambari. Correspondeu largamente à distinção que lhe era conferida.

Manifestando-se grato, dedicava-lhe Rui atenção toda especial. Não se clausurava no êrmo da fazenda a que se acolhia, mas participava de festas e recepções, visitava e recebia visitas, interessava-se pelos homens e coisas locais.

Mais do que aquelas cidades, Campinas testemunhou-lhe o apreço que dava à sua presença e mais do que a elas, Rui deu a Campinas provas da sua estima, consagrando-a mesmo, em páginas admiráveis das letras pátrias, que exaltam o carinho do grande brasileiro por Campinas.

E assim, por toda parte e por todo o sempre, deixou sinal dêsse liame, perpetuando-se a gratidão recíproca. Deu-lhe ela dias sem conta de tranqüilidade, de paz, de alegria, de restabelecimento da saúde, de doce convívio com a espôsa e filhos e com os parentes de Campinas. Pagou-lhe Rui com acréscimos à glória e tradições da cidade. De tal maneira se estreitaram os laços de afeição mútua, que já não é possível omitir-se a terra campineira na sua biografia, da mesma forma que o seu nome é obrigatório na história do município.

Primeira hospedagem

Rui conheceu a Campinas próspera, rica e culta de 1884, mais populosa que a capital da província e ainda, sob outros aspectos, também a ela superior, pois São Paulo não passava da sede do govêrno e burgo estudantil.

Residiam em Campinas os seus três primos Albino José Barbosa de Oliveira, Luís Albino Barbosa de Oliveira e dona Maria Amélia de Rezende, filhos do conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, presidente do Supremo Tribunal de Justiça do Império.

O conselheiro Albino era homem de sociedade, fidalgo no porte e em tôdas as atitudes, sisudo, não obstante gentil no trato, juiz austero e reto, o único que no mais alto tribunal do império absolvera d. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará, na célebre questão religiosa que tanto abalou as instituições políticas de então.

Casado com nobre mulher paulista, dona Isabel Augusta de Sousa Queiroz Barbosa de Oliveira, filha do coronel Francisco Inácio, chefe da “bernarda” contra os Andradas, o conselheiro residia na Côrte; em Campinas tinha fazendas.

Os seus dois referidos filhos casaram com filhas dos barões de Ataliba Nogueira: o dr. Albino com Luisa (Lalá, era o seu apelido) e o dr. Luís Albino com Camila, residentes na fazenda do Rio das Pedras. Outra filha do conselheiro, Maria Amélia, casou com o futuro barão Geraldo de Rezende, proprietário da fazenda de Santa Genebra. Os demais filhos e genros residiam no município neutro.

Rui chegou pela primeira vez à fazenda do Rio das Pedras em meados de janeiro de 1884 e já no dia 22 sua mulher narra em carta ao primo Jacobina os encantos da hospitalidade. Copiamos certo trecho das impressões: “Os primos Lulu (Luís Albino) e Camila tem-nos penhorado de obséquios constantes, dando-nos a melhor hospedagem que podíamos sonhar. Não sei como lhes agradeça a amizade,

que não se esgota conosco, nem se fatiga no meio de suas aflições e incômodos.”

A baronesa Geraldo de Rezende, que os fôra receber à estação, conta também a uma das suas irmãs, na Côrte, os passos dos hóspedes em Campinas. Eis fragmentos da sua carta: “. . .fui à cidade esperar Maria Augusta e já dei disto conta creio que à mamãe. Anteontem vieram para cá os primos Camila e Lulu e passaram conosco o dia e a noite. Ontem às oito e meia da manhã fomos todos menos Geraldo para o Rio das Pedras; êle prometeu vir para jantar, mas passou muito incomodado e não foi. Depois do almôço saímos todos, menos Marieta e Bininho, vimos o paiol, chiqueiro, galinheiro, o tanque, o quadrado, a serra, as máquinas, engenho, tendal, tulhas, telheiros de café e depois, por fim, metemo-nos nos troles e fomos ao Morro, onde Maria Augusta apreciou a bela residência que lá está abandonada.

“Rui partiu hoje para São Paulo. Amanhã vou à cidade buscar Maria Augusta que vem passar êstes dias comigo. A 21 volta Rui e nós vamos juntas daqui para esperá-lo. A 30 é o batizado; falam em pequena “soirée” e Maria Augusta vai com o vestido salmão; vou com o de sêda “grenat”. Mas não lhe contei que ontem à hora do jantar choveu muito; foi grande tempestade que passou, tanto que depois do jantar tomamos os troles, Rui e Maria Augusta para a cidade e também Lulu e o Rodrigo, que apareceu lá de manhã a passeio e passou o dia”.

Refere-se a missivista a dois netos do conselheiro Albino: Luís Albino Barbosa de Oliveira, mais tarde engenheiro da Companhia Mogiana e Albino José Barbosa de Oliveira, mais tarde proprietário da mesma fazenda do Rio das Pedras, ambos primeiros netos dos barões de Ataliba Nogueira. Foi memorável a festa do batizado, a que assistiu o casal Rui Barbosa, fato sempre lembrado na família.

Esta primeira visita de Rui a Campinas sugere algo de curioso, que, porém, não constitui problema biográfico, por ser de fácil explicação.

Por que não teria vindo a Campinas ao tempo em que cursava a Academia de Direito do Largo de São Francisco? Desde 1868 já estava em São Paulo o jovem acadêmico transferido do Recife. O conselheiro Albino era a pessoa mais respeitável da família. Longas temporadas passava o conselheiro na Fazenda do Rio das Pedras. Rui declarou sempre ser êle o seu maior amigo e protetor de seu pai, afirmando dever-lhe muita gratidão. Como se explica que ainda o não tivesse visitado em Campinas?

Convites lhe não faltaram. Leiamos uma página de longa carta que lhe dirigiu Rui, a 11 de abril de 1870: “Quanto ao seu amável e instante oferecimento para que eu vá passar a Semana Santa na sua fazenda, agradeço-lhe de todo o meu coração. É mais uma fineza que guardarei sempre como prova do interêsse que me dedica. Sinto, porém, não me ser possível gozar por êsses dias tão invejável companhia como a do primo e de tôda a sua ótima família. Seria para mim o maior dos prazeres, mas infelizmente alguns trabalhos urgentes e sérios que tenho de desempenhar durante estas férias não me permitem semelhante felicidade. Rogo-lhe pois que aceite a minha justificação, como sincera que é, recebendo ao mesmo tempo mil agradecimentos pelo seu obsequioso convite.”

O trecho imediato desta carta já nos elucida o caso: “Lamento que o primo chegasse a afligir-se com a notícia dos meus sermões. Acredite que não disse inconveniências, pois que a verdade nunca pode ser inconveniente. Quanto à política pode o meu primo crer que lhe tenho horror, isto é, a política mesquinha e interesseira que têm exercido todos os partidos em nosso país. A política que eu posso e desejo seguir está ainda muito longe; por ora é apenas uma esperança; ainda não mete medo aos figurões”.

Como diz Américo Jacobina Lacombe, no seu livro *Mocidade e Exílio*, já “deviam ter chegado aos ouvidos do conselheiro Albino os ecos das conferências realizadas pelo primo em São Paulo” (pág. 54). Não lhe teriam agradado

as novidades e as atitudes políticas do jovem estudante, que dêle recebeu carta neste sentido. Era principalmente a questão da alforria dos escravos, que dominava a maioria dos estudantes do Largo de São Francisco, muito embora contra os interesses dos seus pais e dêles próprios.

É o eterno conflito das gerações, que cada época esquece ser a regra e julga não ter havido no passado. É natural o conflito e até nisto estão errados os môços ao julgarem da originalidade do seu pensamento e ação, e os velhos a se esquecerem dos seus dias de atrevimento na juventude.

Convém meditar as palavras que a sabedoria da Igreja insere na liturgia de certa missa, há tantos séculos: *Senex puerum portabat: puer autem senem regebat*. O velho levava o menino, mas o menino conduzia o velho (missa da Purificação de Maria, 2 de fevereiro).

A fazenda do Rio das Pedras.

Muitas vêzes Rui, d. Maria Augusta, filhos e genro passaram temporadas em Campinas, sempre na fazenda do Rio das Pedras, de preferência nos primeiros meses do ano, fugindo por esta forma ao verão carioca e aproveitando o recesso do Congresso Nacional para descansar das suas atividades de parlamentar, de político, de jurisconsulto, de advogado e de jornalista. Veremos, entretanto, em breve, que homem daquele feito e posição só podia gozar de descanso relativo.

Os seus numerosos parentes e os numerosos parentes dos seus parentes, aqui, com o correr dos anos, em virtude de novas alianças de família e sua descendência, elevavam-se a centenas. Também primo de Rui, que fixou residência em Campinas, era o engenheiro Eugênio Barbosa de Oliveira, casado na família do dr. Tedoro Langard.

No Rio das Pedras faziam as honras da casa as famílias de Albino e Lulu (dr. Luís Albino). Suas mulheres, Lalá e Camila, sabiam hospedar com rara fidalguia. Todos os tra-

tavam por primos: “primo Rui, prima Maria Augusta”, correspondendo-lhes com igual tratamento o conselheiro e sua mulher. Dirigia-se Rui à mulher na segunda pessoa do singular — tu — empregando a terceira pessoa — você — para os demais.

Situada ao norte de Campinas, era a fazenda antiga propriedade agrícola de boas terras — a terra roxa — lavradas especialmente para o café, sua cultura principal. Para desmentir o nome, não passa por ali nenhum rio e não possui nenhuma pedra. Em compensação ostenta lago bellissimo, de águas claras e profundas, recobrando vários alqueires de terra, àquele tempo fechado à cabeceira pelo verde da mata, a se refletir no límpido espelho. Principalmente ao crepúsculo da tarde era soberba a variedade de côres e a riqueza das luzes, coados os derradeiros raios luminosos através da folhagem das árvores esbeltas.

O passeio predileto de Rui era êste, ordinariamente sòzinho e às vêzes com todos os parentes. Sòzinho percorria também o pomar, terreiros de café, as tulhas até a casa das máquinas de beneficio do café ou então até a moenda da cana e o alambique.

Depois do almôço, a sesta e, a seguir, a leitura da correspondência, jornais e livros.

Fugiam à canícula. Rêdes, cadeiras preguiçosas, poltronas, havia por tôda a casa. Mesmo assim, muita vez foi o illustre parente surpreendido junto de alguma janela, de pé, lendo Nick Carter ou outra publicação do gênero, que a outros também dava a ler a fim de discutirem os portentos de imaginação que êle admirava no autor daqueles contos policiaes. Com os primos Lulu e Albino, cultos e viajados, formado um em direito e outro em agronomia, êste na Bélgica, aquêle em S. Paulo, conversava e discutia assuntos graves, preferindo os de agricultura, literatura e política. Às primas e aos primos moços pedia-lhes a descrição dos passeios e contava-lhe passagens interessantes da vida politica. Maria Augusta e Camila eram formosas,

muito parecidas uma com a outra, pelo que muitos imaginavam que o seu parentesco proviesse do sangue e não da afinidade. Lalá encantava pela irradiante alegria; igualmente formosa, tinha gênio em extremo comunicativo, e quase por si só bastaria para encher a casa de vida, não fôsse o numeroso e irrequieto grupo de jovens.

Trinta e tantos convivas sentavam-se à mesa do almoço e jantar, nunca menos. Antônio Batista Pereira, genro de Rui Barbosa, quando passou a freqüentar a fazenda, após o casamento, aumentou ainda mais o ar folgazão daquelas temporadas memoráveis. O Batistinha, como nós o conhecíamos, tinha conversa deliciosa e, com os mais velhos, erudita.

Belos tempos viveu o solar da fazenda do Rio das Pedras. Quantas recordações guardam aquêles amplos salões, os corredores enormes, com a longa teoria de dormitórios de um e outro lado, mais de vinte; as paredes altas, com os retratos dos antepassados, as fotografias de numerosos grupos em que figuravam Rui e os seus, fixando para sempre reuniões, festas ou simples passeios.¹ Não acostumado à vida rural, tendo vivido sempre a vida urbana, já há longos anos radicado no Rio de Janeiro, desde os tempos da Côte, Rui e d. Maria Augusta vestiam-se à moda das cidades. Nunca deixou êle de usar fraque, embora de linho, côr parda; ela, lindas “toilettes”, sempre, porém de gola alta, segundo a moda. Os nossos maiores não apreciavam uns tantos figurinos que menos denotam comodidade do que desalinho e desmazêlo. Iam todavia muito além. Assim, Lulu e Albino, fora das horas de direção dos trabalhos agrícolas, na própria fazenda vestiam-se com aprumo, sem nunca dispensar o colarinho e a gravata.

1. A fazenda do Rio das Pedras pertence hoje ao ilustre dr. João Adhemar de Almeida Prado. Continua suas glórias, pois o seu nôvo proprietário nela recebeu, dentre outros visitantes ilustres, a rainha Isabel II, da Inglaterra e o rei da Noruega.

O próprio solar da fazenda era de modelo citadino, com a fachada larga e ampla, em majestoso estilo de “chalet”.

Recordação curiosa. Lembra-me ter ouvido, mesmo depois da morte do conselheiro Rui Barbosa, a sua voz, a de meu pai, de meus tios e outros parentes, gravadas em discos cilíndricos, reproduzidas com nitidez em elegante gramofone. Onde estarão êles hoje?

O Jaguari.

De tipo colonial era a outra fazenda, aonde Rui nunca deixou de ir com a sua família, ainda que por um dia, nas suas temporadas em Campinas: a fazenda de Santa Úrsula, conhecida por Jaguari, pois é circundada pelo rio dêste nome, em duas largas e graciosas curvas. Pontificavam ali os seus proprietários, o barão e a baronesa de Ataliba Nogueira, continuadores de velhas famílias, origem de novas famílias que lhes continuam as tradições de honradez, de trabalho e de amor à terra campineira. Pais de Lalá e Camila, primas de Rui, por êste e sua mulher sempre foram distinguidos com a visita, que já se tornara habitual nas temporadas do Rio das Pedras. Após a morte da baronesa, em 1912, parece que o casal Rui Barbosa timbrava mais ainda em demonstrar o seu carinho ao velho titular do Império.

Quase ao cimo do outeiro, dominando o rio Jaguari, voltado para o poente, ergue-se o majestoso e antigo solar colonial, de dois pavimentos. Todo caiado por fora, o branco das paredes altas é contrastado pelo azul dos batentes e fôlhas das portas, janelas e rótulas. Acima da grande porta de entrada corre a sacada, com gradil também azul, para a qual se abrem três portas envidraçadas. De um e outro lado as janelas, em grande número, tanto as da frente, como as da face do nascente, estas dando para o pomar de requíssimas e variadas frutas.

Caracteriza-se o solar de d. Úrsula, sua fundadora há quase dois séculos, pelo saguão em baixo; na entrada e, em cima, os salões enormes, os amplos dormitórios e as alcovas. Além disto, dois terraços, duas cozinhas, sendo uma para doces, adega, despensa, compartimentos para arrecadação e os quartos dos serviçais. Circundam o solar três jardins, um dêles em nível elevado, e o pomar a que já aludimos.

Além de outras notas pitorescas, como a dada pelos pesqueiros, é curioso lembrar o veículo que conduzia os passageiros e cargas da estação de Jaguari, da Companhia Mogiana, para a propriedade agrícola. Todo o percurso era feito em bondes pertencentes à fazenda, correndo sôbre trilhos na bitola de sessenta centímetros. Na entrada da sede da fazenda, a linha de bondes atravessava duas aléias de majestosos paus-d'alho e paineiras, árvores esbeltas e copadas, de grande altura, denotadoras de boas terras. Há fotografia evocativa de Rui e família, passageiros do bondinho.

Antigo chefe do partido liberal no quinto distrito da província de São Paulo, o barão de Ataliba Nogueira tinha real estima pelo conselheiro Rui Barbosa, entretendo-se com êle longamente, em palestras de cunho político, geralmente assistidas pelos parentes e outros visitantes. Nunca o velho titular do Império deixou de repetir-lhe que compreendia o seu auxílio à república, porém lhe não perdoára o decreto de banimento do imperador e da imperatriz. Parece-me que Rui explicava a origem de ato tão injusto pela inexperiência do tenente França, que ao imperador fizera entrega do officio do govêrno provisório, comunicando-lhe a dotação que lhe havia sido destinada. O original do decreto não se referia ao banimento, cuja cláusula foi acréscimo posterior à primeira lavratura. É assim que o ilustre diretor da Casa de Rui Barbosa, Américo Jacobina Lacombe, interpreta as duas caligrafias de próprio punho do conselheiro, no autógrafo do decreto.

Poços de Caldas.

Poucas vêzes o grande brasileiro buscou o clima maravilhoso e as águas virtuosas de Poços de Caldas. Para lá seguia na companhia de seus parentes de Campinas, pelo que a estação naquela cidade mineira vinha a constituir verdadeiro prolongamento das suas temporadas na nossa terra.

Hospedou-se, na sua primeira estada em Poços, no Hotel do Globo, de d. Sinhá Cobra, que lhe reservou tôda uma ala. A sua saúde estava muito combalida, a reclamar cuidado especial, dispensado pelos três médicos Pedro Sanches, Faria Lobato e Mario Mourão, juntamente com o seu médico assistente, Luís Barbosa, do Rio de Janeiro.

Certa tarde estavam apreensivos os seus íntimos com o ruído que havia de ocasionar, naquela noite, a sessão do cinema, situado em frente ao hotel. Sabedor da dificuldade, um dos hóspedes, o coronel Francisco Martins, fazendeiro em Franca, prontificou-se logo a resolver o caso: comprou tôda a lotação. Naquela noite não houve cinema.

Várias pessoas da estância mineira tornaram-se amigas de Rui, além dos médicos já mencionados. Dentre outras, o ilustre advogado Francisco Escobar. Mero provisionado era, porém, notável jurista. Horas e horas com êle passava Rui, que lhe apreciava a cultura e lhe chamava doutíssimo.

Para lhe proporcionar maiores comodidades, outro gênro do barão de Ataliba, o dr. Carlos Augusto de Arruda Botelho, ofereceu ao conselheiro e sua família, em outra ocasião, a Vila Pinhal, situada dos lados da fonte dos Amôres e pertencente à sua mãe, a condessa do Pinhal. Guarda-se com carinho memorável grupo fotográfico tirado naquela vivenda, bem como outro, por ocasião de ser inaugurado o edificio do Forum, naquela mesma temporada.

Na intimidade.

Na intimidade, Rui tinha os seus repentes. Certas circunstâncias súbitas, às vêzes desconhecidas dos que o rodeavam, faziam-no tomar atitudes bruscas, inesperadas, a revelarem gênio impetuoso e vontade pertinaz, aparentando verdadeiros caprichos. Dona Maria Augusta era nestes momentos o anjo tutelar, que o conduzia para a melhor solução.

As vésperas de seguir para Haia, disse que ia desistir da viagem. Desta vez demoveu-o do intento desastroso, em que persistia, sua irmã mais velha, d. Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina.

Geralmente, porém, a afabilidade com os seus ia até à liberdade com que lhe preparavam brincadeiras, nem sempre agradáveis.

No início de 1912 chegou a Campinas o aviador alemão Planchuh. Fêz várias exhibições sôbre a cidade, sendo apreciados da fazenda do Rio das Pedras os seus vôos e acrobacias. Foi a grande novidade da temporada. Jamais haviam visto avião os campineiros, que, entretanto, anos antes, tributaram as maiores homenagens a Santos Dumont, que viera colocar a primeira pedra do monumento a Carlos Gomes e participar do banquete no sobrado do presidente da comissão, o barão de Ataliba.

É natural que o assunto obrigatório na família passasse a ser o das peripécias de Planchuh. Vai daí e pela manhã do dia seguinte, do Barsoti, principal restaurante da cidade, telefonam à fazenda. Alguém com forte sotaque estrangeiro anuncia que desejava prestar homenagem ao conselheiro, sobrevoando a fazenda e, se possível, visitá-lo. Tia Lalá aprovou a visita e com grande dificuldade se fêz entender para explicar que o melhor ponto de aterragem era o pasto das Palmeiras. Afinal o interlocutor declarou que fixou bem a localização do pasto e o ponto de referência das palmeiras. Seguiria para lá dentro em meia hora.

Tocam o sino da fazenda em rebate para avisar os colonos. A numerosa família Barbosa de Oliveira, os parentes e outros hóspedes, todos se dirigem para as cercanias do capinzal das palmeiras. Depois de uma hora de espera, sob sol inclemente, tia Lalá volta à casa e telefona para o restaurante Barsoti.

Consegue ouvir a mesma voz, que lhe diz: “Desculpe senhora, eu errar muito. Em vez de gasolina, eu pôr no avião só chopps.”

Percebeu imediatamente que era uma das muitas chocarrices de seu irmão Washington Ataliba. Passou-lhe reprimenda e terminou: “Primo Rui não é seu brinquedo”.

Foi geral a decepção.

Rui também pregava peças. Lembra-me de ter ouvido ao dr. Luís Albino que, numa das ocasiões, chegou do Rio de Janeiro muito aborrecido com a política. Deitou-se à rêde da sala de jantar e, como de costume, disse ao primo, em bom inglês — “at home”, ou em linguagem: “estou em meu lar”. Poucos momentos depois, ditaram pelo telefone o texto de telegrama, que lhe endereçavam dois eminentes políticos, anunciando-lhe que viriam do Rio de Janeiro para fazer-lhe uma consulta. Decidiu Rui não lhes dar tempo de tocar em política. Combinou com seu primo, que haviam de conversar sòmente sôbre agricultura, enquanto durasse a visita. E, no dia da visita, da manhã à noite, o conselheiro discutiu os mais especializados temas agrícolas, com tal competência e tão apaixonadamente que os referidos políticos saíram convictos de que Rui parecia decidido a abandonar a política e tornar-se lavrador.

Amigos e visitantes.

Do Rio, de S. Paulo, de outras cidades e principalmente de Campinas, acorriam visitantes à fazenda do Rio das Pedras.

Assim, estiveram ali, dentre muitos outros, os jornalistas José Eduardo de Macedo Soares e Irineu Marinho; Washington Luís, secretário da Justiça do Estado de São Paulo; monsenhor Gonçalves de Rezende, do Rio, e o sacerdote francês e brilhante escritor padre L. A. Gaffre.

O jornalista Júlio Mesquita, ilustre campineiro e seu grande amigo, freqüentava assiduamente a fazenda para encontrar-se com Rui. No seu jornal, *O Estado de S. Paulo*, publicava todos os discursos de Rui e, neste período, muitas das suas notas políticas sem dúvida foram fruto da troca de idéias com o grande brasileiro.

Outro amigo de Rui, assíduo nas visitas e a quem êle nunca deixou de pagá-las, foi saudoso e benemérito bispo de Campinas, D. João Batista Correia Neri. Tive o prazer de acompanhá-lo por mais de uma vez até a fazenda e, não obstante ainda menino, assistir aos seus colóquios com o conselheiro.

Infundável a lista dos amigos de Rui na nossa cidade, sendo raro aquêle que, um dia, não fôsse distinguido com carta, cartão ou fotografia do ilustre patricio. Sem obedecer a qualquer critério de ordem, posso arrolar os seguintes nomes, além dos já referidos: Alberto de Faria, Raul Soares de Moura, Pedro de Magalhães, Orozimbo Maia, Benedito Otávio, Rafael Duarte, Basílio de Magalhães, Américo de Moura, Leopoldo Amaral. Outro nome a ser recordado é o do dr. Lopes Martins, dos maiores amigos de Rui e que sempre o acompanhou por tôda parte até a morte do mestre. Tinha sido genro dos barões de Ataliba Nogueira. Casou em segundas núpcias com a escritora dona Amélia de Rezende Martins, prima do conselheiro.

Amigo seu e dos mais chegados foi Francisco Glicério, bem como Campos Sales. Quanto ao primeiro é interessante recordar a sua carta ao dr. Jacobina, em que lamenta não haver conhecido Rui quando da sua primeira visita a Cam-

pinas. É que o grande brasileiro, não sendo republicano, não teve contacto nenhum com os republicanos de Campinas. A amizade entre êles e mesmo o seu conhecimento datam do govêrno provisório de que fizeram parte.

Páginas jurídicas e literárias.

Sem dúvida alguma foi aqui que preparou ou redigiu vários trabalhos publicados naquela época. Dêles, porém, se tem pouca noticia. A pedido do acadêmico e professor Aloisio de Castro escreveu longo parecer, de mais de cem páginas, datando-o do Rio das Pedras e relativo a uma questão de interêsse dos catedráticos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Deve-lhe Campinas algumas páginas escritas quer em seu beneficio, quer para a sua glória.

Entre aquelas está o parecer que lhe solicitou o bispo D. João Neri. O nosso conterrâneo, dr. Rafael Duarte, vereador municipal e outros edis desejavam que a prefeitura municipal doasse à diocese um terreno a fim de nêle ser construído, como foi, a “Creche de Bento Quirino”. Argüiram de inconstitucional o projeto: impossível a dádiva, em virtude do preceito de separação da Igreja e do Estado. D. Neri recorreu às luzes do principal autor da Constituição de 1891. Não tardou o parecer de Rui, agradecido pelo bispo em telegrama, arquivado na “Casa de Rui Barbosa”.

“A prática nos Estados Unidos — assevera Rui, como escreveria mais tarde no programa do Partido Republicano Liberal — a prática americana é, pois, necessariamente, o nosso modelo na interpretação da nossa lei nacional quanto às relações entre o poder público e as diferentes confissões, que o nosso regime, isento do espírito sectário, irreligioso e ateu, não considera inimigas, mas úteis colaboradoras na educação moral e cívica do povo.”

As andorinhas.

Campinas é imortalizada nas páginas da literatura nacional graças à descrição empolgante que Rui fez da chegada das andorinhas, tôdas as tardes, para se recolherem sob o teto gasaloso do antigo mercado municipal, convertido por elas mesmas em “casa das andorinhas“. Despejou-se o mercado para sossêgo dos hóspedes habituais.

Por diversas vêzes foi apreciar de perto o originalíssimo espetáculo, tendo o cuidado de cobrir-se com o seu guarda-sol cinzento, todo forrado de verde. E tomava pela mão para acompanhá-lo o menino que hoje recorda com prazer a honra não avaliada naquela oportunidade.

Apesar do valor literário de outras descrições da revoada cotidiana das andorinhas, entre outras a do poeta Alberto de Oliveira, cabe-lhe sem dúvida a primazia. Em língua francesa precedeu-o o padre L. A. Gaffre, nas páginas de “Visions du Brésil”.

Se se sentem empolgados todos quantos lêem a descrição de Rui, os campineiros, aos quais o fato era familiar, além do entusiasmo, nela apreciam a exatidão do observador, a precisão com que gravou as minúcias, reconhecendo-lhe, no domínio de bela linguagem, a fidelidade com que perpetuou aquelas maravilhosas cenas campineiras do ante-por do sol. Espetáculo deslumbrante, encantador, sem igual.

Bis como, em meio afeito ao espetáculo, com o fascínio da sua palavra fixou o regresso ao lar das andorinhas de Campinas.

“Muitas e muitas vêzes me atraiu aqui, nas tardes de estio, à vossa praça de Carlos Gomes, o espetáculo da volta das andorinhas. Louvada seja a vossa edilidade por haver respeitado essa maravilha, e não ter desfeito a antiga pousada a êsses alados mensageiros do espaço. Os estranhos, os peregrinos da curiosidade e do gôsto virão com frequência contemplar embevecidos, como eu, o incomparável qua-

dro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxá-lo nas telas com as mais suaves tintas da sua palheta. Algum poeta o dedilhará na lira, em versos que perdurem como os de Anacreonte.

Eu não canto, nem pinto; mas revejo e recordo.

Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia de todo o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse ali a redondeza anilada.

Era um e, logo após, são muitos, já vem surdindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam e recruzam; já se encontram e circulam; já se condensam, e escurecem. [Era um grupo; e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já se referem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vem-nos ondeando sôbre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteadada de branco, a librar-se entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscilando, flutuando, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casario e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhoando e restrugindo, com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos às dezenas e dezenas de milhares, pende, mergulha e desaparece, numa imensa curva borbulhante, por sob o largo telheiro abandonado que essa aérea multidão erradia elegeu entre vós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão.”

Já hoje esta página é de mera evocação do passado: foragidas as andorinhas, deserto o velho prédio do antigo mercado, ficaram elas, porém, imortalizadas ali pelo clássico da língua portuguesa.

Campanha civilista.

No empolgante movimento de propaganda eleitoral realizado por Rui quando candidato à presidência da República, em 1909, coube a Campinas posição de relêvo, por havê-la escolhido para ali pronunciar o mais importantes dos discursos da campanha. Foi antes longa conferência, de duas horas, proferida no velho teatro de S. Carlos, já hoje demolido.

Saudado pelo professor Basílio de Magalhães, lente do Ginásio Estadual “Culto à Ciência”, Rui inicia o seu discurso recordando que Campinas havia sido a “Meca republicana”. Referiu o nome dos principais batalhadores da causa: Barata Ribeiro, Francisco Glicério, Campos Sales, Júlio Mesquita, Alberto Sales, Jorge Miranda, Quirino dos Santos.

A seguir anuncia o tema. Os seus adversários reviviam as já rebatidas acusações contra a sua gestão na pasta da Fazenda do govêrno provisório, reeditando não apenas a crítica à orientação administrativa, como também sovadas calúnias: “As minhas vitórias contra os meus caluniadores se contam pelo número das acusações.” “Não volverei a me desagrar de falsos testemunhos rebatidos e retrilhados. Mas da nota de incapacidade administrativa, com que me procuram depreciar os censores das finanças do govêrno provisório, não quero que continue a correr a campanha presidencial sem que se desforce a minha justiça”.

Antes de aduzir os dados precisos, com datas e algarismos, os resultados colhidos e o juízo de nacionais e estrangeiros sôbre a sua obra à frente do Ministério da Fazenda, alude à grande dificuldade que o govêrno provisório teve de enfrentar, por ser a república inteiramente impopular: “Encerrava a revolução de 15 de novembro o mais temeroso dos pecados originaes: era a reação militar. Emergia das fileiras do exêrcito por um imprevisto, e a outro imprevisto da mesma natureza podia pouco depois succumbir. Em França houvera um choque popular, mas para se estabelecer por

uma aclamação geral, logo após, a aderência entre o novo sistema constitucional e o país. Entre nós, foi como um espetáculo, uma surpresa, um sonho, passado fora da nação, a que o sr. Aristides Lôbo confessou que ela assistiu “bestificada”, e para a qual se continuou a portar com a mesma indiferença. Ninguém podia antever a durabilidade de instituições criadas por uma revolta das baionetas e recebidas pela nação com essa glacialidade. Em França as mudanças de Constituição eram, havia sessenta anos, um espasmo quase periódico a que o mundo já se acostumara. Nós contávamos, pelo contrário, sessenta anos de ordem constitucional com a monarquia e dela variáramos subitamente para uma novidade que não tinha a menor radícula na história ou no temperamento nacional.”

Já hoje o julgamento definitivo do ilustre gestor das nossas finanças, em período tão difícil, foi pronunciado pela alta autoridade de um técnico de valor, o dr. Oscar Bormann, no longo prefácio aos dois volumes da nova publicação do *Relatório do Ministro da Fazenda (Obras completas, vol. 18, tomo 2)*.

Não deixa de ser significativa, pois, a escolha de Campinas para Rui pronunciar tão importante discurso. Preferência que a ligou ainda mais à sua vida. Campinas não foi apenas sítio do seu repouso. É também um dos marcos da sua glória política.

Instituições campineiras.

Foi por ocasião da campanha civilista que Rui visitou pela primeira vez o Centro de Ciências, Letras e Artes, no dia seguinte ao discurso a que acabamos de aludir.

Volta ao notável sodalício, anos depois, quando lê a sua página admirável sobre as andorinhas (24 de junho de 1914) e que constitui parte do discurso de agradecimento às homenagens do Centro de Ciências, Letras e Artes e à saudação do seu orador oficial, o professor Lino de Moraes Le-

me. O jovem catedrático da escola normal e mais tarde da Faculdade de Direito de São Paulo, abre a sua oração com estas palavras. *O pirilampo saúda o sol.*

Outras instituições receberam também a sua visita, exarando êle sempre as suas impressões no livro competente: Santa Casa de Misericórdia, Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora, Companhia Mogiana, Escola complementar. Os alunos dêste último estabelecimento de ensino procuraram cercar sempre de carinho a pessoa do grande brasileiro, merecendo dêle, certa vez, recepção especial, em casa do futuro senador Euclides Vieira, casado com Isabelita Barbosa de Oliveira, prima de Rui e exímia pintora. Nesta ocasião saudou-o o aluno Ernesto Leme, hoje, como seu referido irmão, ilustre professor da Faculdade de Direito de S. Paulo (17 de maio de 1914).

Entre as homenagens recebidas em Campinas, quero recordar que por minha iniciativa, quando aluno do Ginásio Diocesano, em 1917, foi fundado o “Grêmio Literário de Rui Barbosa”, do qual fui presidente durante dois anos. Do seu arquivo constava a carta de agradecimento do patrono.

Sem que esgote o assunto, urge terminar.

De tal sorte Campinas se sentia jungida ao conselheiro, que lhe ergueu em praça pública um monumento, inaugurado no dia do seu aniversário natalício, logo no primeiro anos após a morte, antecipando-se assim a qualquer outro município. Erigiu-o em local duplamente histórico, altamente evocativo: na sua mais bela praça pública, amplo jardim cercado pelas altíssimas e esbeltas palmeiras imperiais e consagrada ao nome de Carlos Gomes, precisamente onde Rui mais se demorava a contemplar as andorinhas.

Aquêle chão tem algo de sagrado e de místico. Inspirou as notas do *Guarani*, cuja protofonia nos enleva e arrebatada, e o mimoso discurso das andorinhas.

Desde então o bronze testemunha e perpetua a recíproca amizade entre Campinas e Rui Barbosa.